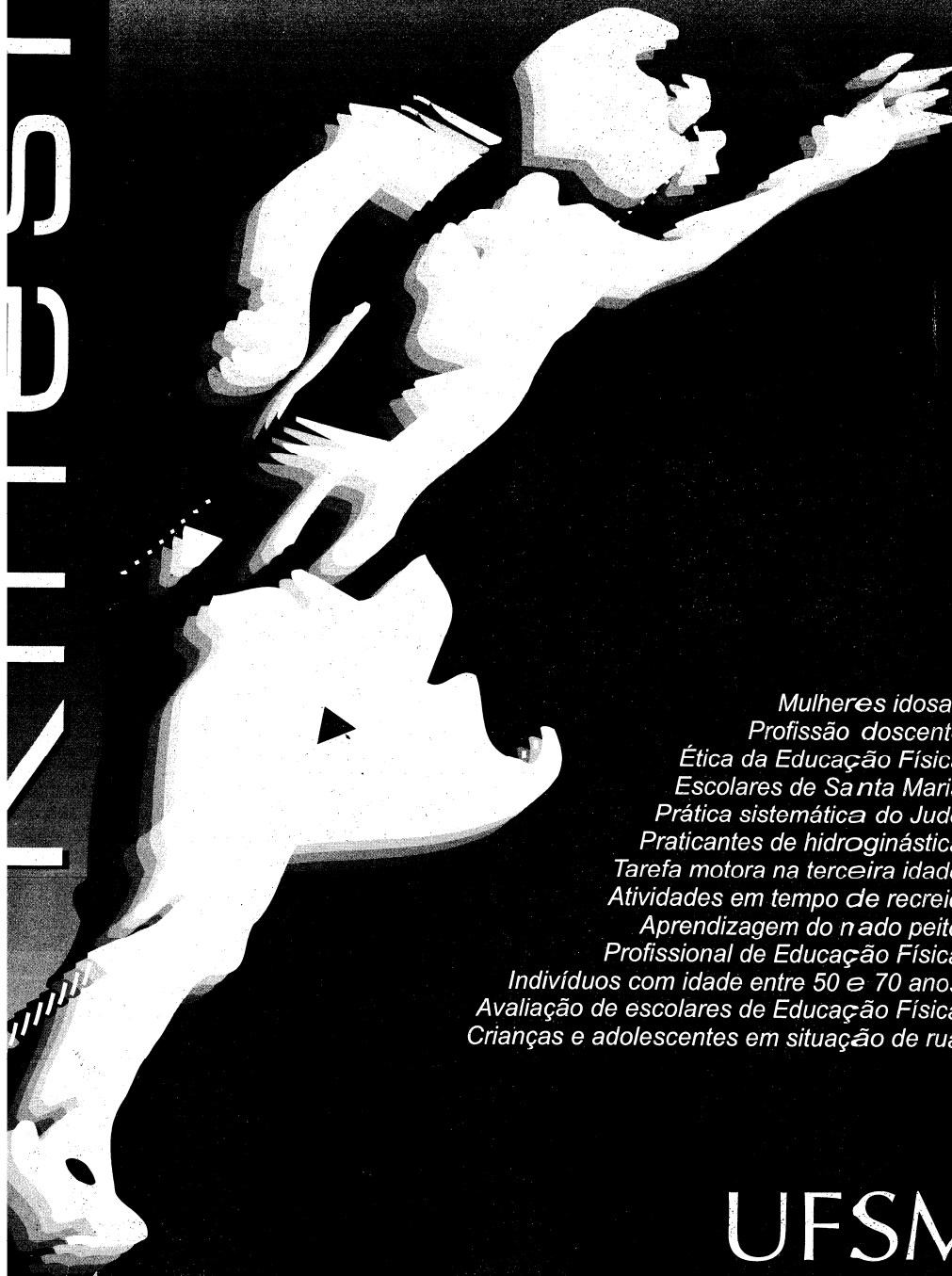


Centro de Educação Física e Desportos



Mulheres idosas
Profissão docente
Ética da Educação Física
Escolares de Santa Maria
Prática sistemática do Judô
Praticantes de hidroginástica
Tarefa motora na terceira idade
Atividades em tempo de recreio
Aprendizagem do nado peito
Profissional de Educação Física
Indivíduos com idade entre 50 e 70 anos
Avaliação de escolares de Educação Física
Crianças e adolescentes em situação de rua

UFSM

ISSN - 0102 - 8308
IASI - 18520

REVISTA KINESIS
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

REITOR

PROF. TIT. PAULO JORGE SARKIS

VICE-REITOR

PROF. TIT. CLOVIS SILVA LIMA

**CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
E DESPORTOS**

DIRETOR

PROF. TIT. LUIZ CELSO GIACOMINI

VICE-DIRETOR

PROF. ADJ. MATHEUS SALDANHA FILHO

NÚCLEO DE DIVULGAÇÃO

PROF. JANDIR C. MARTINS -DIRETOR

DANIEL SKRSYPCSAK

JANSEN ATIER ESTRÁZULAS

FÁBIO COVALESKI

ANDERSON DE ARAÚJO

REVISTA KINESIS

COMISSÃO EDITORIAL:

PROF. DR. JOÃO LUIZ ZINN - PRESIDENTE

PROF. DR. CARLOS BOLLI MOTA

PROF. DR. JOSÉ FRANCISCO SILVA DIAS

PROF. DR. LUIZ OSÓRIO C. ORTELA

PROF. MS. ROQUE LUIZ MORO

EDITORIAÇÃO

JANDIR CARLOS DOS SANTOS MARTINS

CAPA

MARI ÂNGELA COSTELA

WAGNER RODRIGUES SOARES

DIGITAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

JANSEN ATIER ESTRÁZULAS

ARTE FINAL

JANSEN ATIER ESTRÁZULAS

DANIEL SKRSYPCSAK

IMPRESSÃO

IMPRESA UNIVERSITÁRIA

CONSULTORES:

Prof. Dr. Adair da Silva Lopes, UFSC

Prof. Dr. Ademir de Marco, FEF/
UNICAMP

Prof. Dr. Adroaldo C. A. Gaya, ESEF/
UFRGS

Prof. Dr. Airton da Silva Negrine, ESEF/
UFRGS

Prof. Dr. Airton José Rombaldi,
ESEF/UFPEL

Prof. Dr. Alberto C. Amadio, EEf/
USP

Prof. Dr. Alberto Madureira,

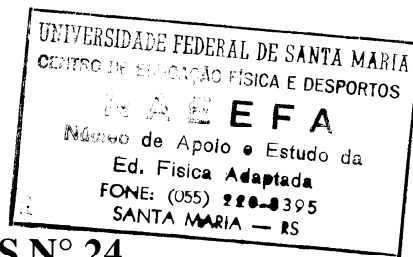
Prof. Dr. Aluísio O. V. Ávila, UDESC

Profª Dra. Ana M. Pellegini, DEF/
UNESP

Prof. Dr. Antonio Carlos S. Guimarães
Prof. Dr. Cândido S. Pires Neto,
Universidade Tuiuti/PR
Prof. Dr. Carlos Bolli Mota, CEFD/UFM
Prof.ª Dra. Céli N. Z. Taffarel, DEF/UFPE
Prof. Dr. Dartagnan P. Guedes, DFE/UDEL
Prof. Dr. Dietmar M. Samulski, ESEF/
UFMG
Prof. Dr. Edio L. Petroski, CDS/UFSC
Prof. Dr. Eduardo H. De Rose, ESEF/
UFRGS
Prof. Dr. Elenor Kunz, CDS/UFSC
Prof. Dr. Fernando José de Sá Pereira
Guimarães - UEPE
Prof. Dr. Flávio Medeiros Pereira, ESEF/
UFPEL
Prof. Dr. Go Tani, EEF/USP
Prof. Dr. Heider Guerra de Resende, UGF
Prof. Dr. Hugo Rodolfo Lovisolo, UGF
Prof.ª Dra. Ingrid M. Baecker, UNISC
Prof. Dr. Jefferson T. Canfield, CEFD/
UFSM
Prof. Dr. João Carlos J. Piccoli,
URCAMP
Prof. Dr. João L. Zinn, CEFD/UFSM
Prof. Dr. José Francisco S. Dias, CEFD/
UFSM
Prof. Dr. José Francisco Schild - UFPEL
Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento
UFSC
Prof. Dr. Lino Castellani F.º, FEF
UNICAMP
Prof. Dr. Luiz Osório C. Portela, CEFD/
UESM
Prof. Dr. Markus V. Nahas, CDF/UFSC
Prof.ª Dra. Maria Arleth Pereira, CE/
UFSM
Prof.ª Dra. Maria Augusta Salin

Gonçalves, UNISINOS
Prof.ª Dra. Maria B. Ferreira, FEF/
UNICAMP
Prof.ª Dra. Maria Fátima Duarte,
CDS/UFSC
Prof.ª Dra. Marta de Salles Canfield,
CEFD/UFSM
Prof. Dr. Pablo Grego, ESEF/BH-MG
Prof. Dr. Paulo S. C. Gomes, CCH/
UGF
Prof. Dr. Pedro J. Winterstein, FEF/
UNICAMP
Prof. Dr. Ricardo D. S. Petersen,
ESEF/UFRGS
Prof. Dr. Renan M. F. Sampedro,
UNICRUZ
Prof. Dr. Ronai Pires da Rocha,
CCSH/UFSM
Prof. Dr. Ruy Jornada Krebs, UDESC
Prof.ª Dra. Sandra M. Matsudo,
CELAFISCS
**Prof. Dr. Sebastiao T. L. Melo, CEFD/
UDESC**
Prof. Dr. Sérgio Carvalho, CEFD/
UFSM
Prof. Dr. Silvino Santin, CEFD/UFSM
Prof. Dr. Telmo Pagana Xavier - UFPEL
Prof. Dr. Ubirajara Oro, CDS/UFSC
Prof. Dr. Valdir J. Barbanti, EEF/USP
Prof. Dr. Valter Bracht, CEFD/UFES
Prof. Dr. Victor K. R. Matsudo,
CELAFISCS
Prof. Dr. Volmar Geraldo da S. Nunes,
ESEF/UFPEL

77



KINESIS N° 24

Kinesis / Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação Física e Desportos. N° Especial (1984). Santa Maria, 1984 -

Continuação a partir de 1984 sa Revista do Centro de Educação Física e Desportos, Vol.2,n°3 (1979)
Semestral
IASI - 18520
ISSN - 0102-8308

CDU: 796/797

Ficha Catalográfica e elaborada por:
Maristela Hartmann - CRB - 10/737
Biblioteca Central - UFSM

APOIO:

Secretaria Nacional de Esportes

GOVERNO FEDERAL

APRESENTAÇÃO:

Em continuidade ao que vem acontecendo no Centro de Educação Física e Desportos, nessa gestão que assumiu em maio de 1997, sempre preocupado com a melhoria do processo de formação e informação do conhecimento, produzido pela Instituição Universitária e a inter-relação com a comunidade científica, apresentamos com muito orgulho a 24ª edição de nossa Revista Kinesis.

Convém lembrar que esta é a décima edição nos últimos quatro anos, o que caracteriza de maneira clara e indiscutível, uma política de apoio e investimento na produção intelectual de nossos pesquisadores, contemplando de forma inquestionável a adesão aos projetos de nosso corpo docente, discente e técnico administrativo, na busca de novos saberes, proporcionando uma reflexão consciente, diante dos desafios da descoberta de novos caminhos.

É oportuno lembrar que docentes, discentes e técnicos administrativos tem tido, da atual administração do CEFD/UFSM, o indispensável apoio para a apresentação de trabalhos em Congressos e Seminários na área de Educação Física e Desportos, possibilitando, um considerável aumento na produção científica do CEFD/UFSM, nos últimos quatro anos. Portanto resta-nos o orgulho e satisfação, enquanto administradores eventuais, de sermos testemunhas vivas desta evolução científica e técnica, com a consciência de que em prol do CEFD, caminhamos procurando os melhores caminhos para todos.

Direção do CEFD

SUMÁRIO

PESQUISAS

REPRESENTAÇÃO CORPORAL DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA JAEGER, ANGELITA ALICE ; CANFIELD, MARTA DE SALLES.....	11
PERCEPÇÃO DOS PRATICANTES DE HIDROGINÁSTICA EM RELAÇÃO AOS TIPOS DE RETROALIMENTAÇÃO, DESEMPENHO E SEGURANÇA RAMOS, MARINES E KROTH, SARA T. CORAZZA.....	35
PROFISSÃO DOCENTE: ESTUDO DA TRAJETÓRIA DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA HOPF, ANA CLAUDIA OLIVEIRA; CANFIELD, MARTA DE SALLES.....	49
OS BONS PROFESSORES FORMADORES DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: CARACTERÍSTICAS PESSOAIS, HISTÓRIA DE VIDA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FERREIRA, LUCIMAR MARTINS; KRUG, HUGO NORBERTO.....	73
PERÍMETRO CEFÁLICO, PESO E ESTATURA, DE ESCOLARES NA FAIXA ETÁRIA DOS 10 AOS 13 ANOS DE IDADE, DE AMBOS OS SEXOS DA CIDADE DE SANTA MARIA-RS FILIPETTO, ROSÂNGELA; ROTH, MARIA AMÉLIA; KREBS, RUY JORNADA.....	97
POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES DA PRÁTICA SISTEMÁTICA DO JUDO NAS ALTERAÇÕES DO SISTEMA MUSCULO-ESQUELÉTICO FERREIRA, GLEISON MIGUEL LISSEMERKI; MOTA, CARLOS BOLLI; COPETTI, FERNANDO; TEIXEIRA, JAIRO SANTAREM.....	107
APRENDIZAGEM DO NADO PEITO COM DIFERENTES FORMA DE RETROALIMENTAÇÃO ALÁSSIA, ADRIANA MARIA NOGARA; KROTH, S.T.C.....	131
ALTERAÇÃO DO VO_{2MAX} DE INDIVÍDUOS COM IDADES ENTRE 50 E 70 ANOS, DECORRENTE DE UM PROGRAMA DE TREINAMENTO COM PESOS ANTONIAZZI, REGINA MARIA COPETTI; PORTELA, LUIZ OSÓRIO CRUZ; DIAS, JOSÉ FRANCISCO SILVA.....	143

A AVALIAÇÃO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SANTA MARIA	
ETCHEPARE, LUCIANE SANCHOTENE; ZINN, JOÃO LUIZ.....	155
FREQUÊNCIA RELATIVA DE CR NA AQUISIÇÃO E RETENÇÃO DE UMA TAREFA MOTORA NA TERCEIRA IDADE	
PETROSKI, ELIO CARLOS; TABALIPA, DANIELA SCHROEDER.....	181
EFEITOS DO EXERCÍCIO FÍSICO NA APTIDÃO FÍSICA DE MULHERES IDOSAS	
CARVALHO, MARIA JOANA; FERNANDES, RICARDO; MOTA, JORGE.....	197
ESTUDO DA ATIVIDADE EM TEMPO DE RECREIO: ESTUDO PRELIMINAR EM ALUNAS PORTUGUESAS E INGLESAS	
MOTA, JORGE; STRATTON, GARETH.....	207
ENSAIO	
UMA CONCEPÇÃO FILOSÓFICA, CIENTÍFICA E EDUCACIONAL PARA O CÓDIGO DE ÉTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	
BERESFORD, HERON.....	225

PESQUISAS

REPRESENTAÇÃO CORPORAL DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA

JAEGER, Angelita Alice¹;
CANFIELD, Marta de Salles²

RESUMO

Esta investigação procurou analisar a representação corporal apresentada pelas crianças e adolescente em situação de rua de Santa Maria, RS, identificando e analisando sua fachada pessoal, bem como os valores orientadores desta representação. Para tanto utilizou-se a observação participante, entrevistas e declarações espontâneas registradas em anotações de campo, realizadas junto aos grupos que se encontravam na praça Saldanha Marinho, do centro da cidade, e/ou freqüentavam o Projeto Escola Aberta. Também foram realizadas algumas entrevistas com os professores da Escola Aberta. A representação corporal destas crianças e adolescentes é baseada na valorização do corpo utilitário, enquanto meio de buscar a sobrevivência, evidenciando uma representação fundamentada na própria vivência corporal. Sua fachada pessoal demonstra uma aparência de descaso corporal acompanhado de uma linguagem que utiliza gírias, evidenciando um comportamento de malandro. Sua movimentação é intensa, com gestos amplos e códigos de linguagem corporal. Os valores orientadores da sua representação corporal se fundamentam na ludicidade, trabalho e agressividade, adquiridos e internalizados num processo de socialização familiar e reorganizados de acordo com as novas exigências manifestas nos espaços da rua, configurando assim, a sua cultura.

BODY REPRESENTATION OF CHILDREN AND TEENAGERS IN A "STREET" SITUATION

ABSTRACT

This investigation had de purpose of analysing the body representation presented by children and teenagers in a "street" situation, in Santa Maria, RS, indentifying and analysing their personal façade, as well as the guiding values of this representation. For that, participant observation, interviews ande spontaneous statements, were done within the groups located at Saldanha Marinho square and/or at the "Open School" Project. Some interviews with teachers were also done. The body representation of these children and teenagers is based on the value they give to the utility of their body, while means of survival, showing a representation based on their own body experience. Their personal façade demonstrates the lack of worry with the body, together with a slang language,

¹Prof. Ms. CEFD/UFSM

²Prof. Dra. CEFD/UFSM (Orientadora)

showing a “smart” behavior. Their movement is intense wide gestures and body language codes. The guiding values of their body representation is based on the act of playing, work and aggressiveness, acquired and internalized in a family socialization process, reorganized as the new needs of the streets, thus shaping their culture.

Considerações iniciais

As crianças e adolescentes em situação de rua, têm se tornado alvo de inúmeros projetos sociais nos últimos anos. Projetos estes que buscam, por exemplo, através de alternativas pedagógicas, oficinas profissionalizantes, esporte-educação, retirar estas crianças e adolescentes do mundo da rua.

Historicamente a sociedade tem demonstrado a desvalorização da fase do estar/ser criança e, infelizmente, esta realidade tem caminhado para níveis cada vez piores. Embora estatísticas oscilem entre números e procedimentos de pesquisa, basta observar os centros urbanos para que a presença de crianças e adolescentes nas ruas, seja constatada.

A história da criança no Brasil, aponta para o abandono ainda no século XVII (Lima e Venâncio, 1995), destacando-se a “lei do ventre livre” no século XIX (Mattoso, 1995) que veio contribuir para o aumento de crianças negligenciadas.

Diante da pobreza familiar, a rua têm se tornado cada vez mais e com maior frequência, um local atrativo de permanência e sobrevivência, tanto para aquelas crianças que abandonaram suas famílias por problemas de relacionamento (Bandeira et al. 1994), quanto para aquelas que procuram na rua o seu sustento e o de sua família (Diegues, 1994).

Esta vivência cotidiana na rua, confere a estas crianças e adolescentes características particulares, que determinam a identificação de um grupo constituído de uma cultura que lhes é própria, adquirida num processo de aprendizagem e incorporação da vida na rua.

Uma das possibilidades de identificação cultural dá-se através da linguagem corporal, onde o corpo apresenta-se como uma fonte de expressão e sua aparência, movimentação, gestos, atitudes, comportamentos, linguagem, denotam um conteúdo cultural particular.

Silva e Milito (1992) ao considerarem a realidade vivida pelas crianças e adolescentes em situação de rua, apontam o corpo como seu único instrumento.

Gomes (1994) afirma que o corpo é uma linguagem que apresenta, por meio da sua aparência, sua valorização e seus movimentos, aspectos da realidade social e cultural na qual está inserido. Ao apropriar-se de normas, valores, costumes, comportamentos por meio do seu corpo, o homem incorpora um conteúdo cultural que se

apresenta nas suas mais variadas práticas, atitudes e manifestações. Rodrigues (1983), destaca que o comportamento humano e as relações sociais constituem uma linguagem que pode ser identificada a partir dos sistemas de representação social, isto é, de figurações mentais de seus componentes. A vida em sociedade deve ser entendida como um sistema, no qual a razão de ser dos elementos que a constituem é significar, considerando da mesma forma, que as relações entre esses elementos significantes são sempre produtoras de significação.

Desta forma, as crianças e os adolescentes em situação de rua apresentam um sistema próprio de representações, considerando-se o meio particular em que vivem, pois estes sistemas são internalizados durante o processo de socialização, onde o homem incorpora um conteúdo cultural da sociedade em que vive.

A partir destas considerações procurou-se saber **quais são as representações corporais apresentadas pelas crianças e adolescentes em situação de rua, de Santa Maria, RS.**

Para que esta problematização fosse investigada, procurou-se interagir com grupos de crianças e adolescentes em situação de rua, o que proporcionou no delineamento da investigação, a determinação de dois objetivos complementares:

-Descrição e análise da fachada pessoal apresentada pelas crianças e adolescentes, e

-Identificação e análise dos principais valores norteadores da representação corporal destas crianças e adolescentes.

Os caminhos da investigação

A partir desta temática central, iniciou-se um processo de contato com o grupo a ser investigado, sendo o primeiro encontro estabelecido em 07 de julho de 1996. Estes contatos iniciais objetivavam o reconhecimento e a confiança que devem ser estabelecidos, em especial com esta população.

Para realizar esta investigação optou-se por centrar os estudos em dois focos: (a) nas crianças e adolescentes que frequentam a Escola Aberta (Escola que possui um projeto pedagógico que trabalha com crianças e adolescentes que estão em situação de rua, possibilitando o acesso ao saber sistematizado integrado as suas experiências de vida), e (b) meninos e meninas que se encontram na praça central de Santa Maria, e estão em situação de rua.

No decorrer da pesquisa, utilizou-se a observação participante, método este oriundo dos estudos etnográficos constituintes da antropologia, pois através do contato junto à realidade destas crianças e adolescentes, tornou-se possível que os dados fossem coletados e aos poucos delineassem o estudo.

Laplantine (1995) reforça que o lugar e o papel do observador são fatores imprescindíveis para os estudos etnográficos, pois é necessário que o pesquisador esteja integrado no campo de observação. Além disso é de fundamental importância que seja um sujeito observando outros sujeitos, pois o estudo da totalidade de um fenômeno sócio-cultural supõe a integração do observador no próprio campo de observação.

Toda e qualquer observação e interpretação do pesquisador é intermediada pelo seu próprio referencial cultural onde, em alguns momentos, o pesquisador, ao observar determinadas situações, comportamentos, valores pode encontrar-se questionando a sua própria cultura.

A observação participante aconteceu em vários momentos do trabalho escolar (almoço, aulas de Educação Física, intervalo de aulas, oficina de papel reciclado e passeios) bem como no encontro semanal (quinta-feira), ao participar do trabalho de rua.

É preciso destacar que embora a investigação procurasse manter os grupos estudados em ambos os locais, isto tornou-se impossível devido ao período extenso da coleta de dados, que teve o seu início em julho de 1996 à novembro de 1997. No decorrer destes meses, muitos educandos deixaram de frequentar a Escola por algum tempo, retornando em determinados períodos, ou simplesmente abandonando-a, enquanto que outras crianças e adolescentes que haviam evadido de outras escolas passaram a frequentá-la. Com maior evidência, tal fato também aconteceu nas observações de rua, onde os grupos possuem uma mobilidade ainda maior, o que torna difícil estabelecer o número preciso de crianças e adolescentes que compuseram a amostra para esta investigação, estimados em torno de 30 (trinta) no conjunto dos dois grupos.

Além disso, é importante lembrar que os nomes das crianças e adolescentes são fictícios, para que suas identidades sejam preservadas.

Outro procedimento de investigação foi a realização de entrevistas semi-estruturadas com as crianças e adolescentes e com os seus professores, que atuavam junto aos grupos, tanto na escola quanto na rua.

É imprescindível evidenciar que as observações foram relatadas em anotações de campo, as quais forneceram a possibilidade de encontrar referências de todo o processo investigado, ilustrado por uma descrição fiel dos acontecimentos, permeada pelas reflexões e interpretações da pesquisadora, previstas na metodologia adotada. Lembrando Laplantine (1995, p.169) que diz "... tudo o que o pesquisador vive em sua relação com os interlocutores, é parte integrante da sua pesquisa".

Contextualizando o estudo

Os atores

Vários estudos procuram apontar fatores presentes em uma sociedade que leva à produção da criança e do adolescente em situação de rua, bem como caracterizá-los.

As estimativas sobre o número de crianças e adolescentes em situação de rua, existentes no mundo, variam em números, bem como em procedimentos metodológicos de pesquisa.

Bandeira et al. (1994) acreditam que estas discrepâncias quanto às estimativas sobre o número de crianças e adolescentes em situação de rua, são decorrentes da confusão da definição de quem é, e como é a criança em situação de rua.

Koller e Hutz (1996) ao considerarem as divergências em relação a apreensão do fenômeno das crianças e adolescentes que vivem nas ruas, bem como a diversidade de definições que não contemplam todas as categorias referentes a este grupo, sugerem a utilização da terminologia “crianças e adolescentes em situação de rua”.

Desta forma, diante das características apresentadas pelos estudos e da terminologia adotada, verifica-se que esta é a situação presente em Santa Maria, já que dois grupos componentes do presente estudo, possuíam estas características.

No caso do grupo do Projeto Escola Aberta, verificou-se que todos estavam morando com pais ou familiares próximos (avós, tios, irmãos), embora alguns já tenham morado com amigos ou em albergues. Já, as crianças e adolescentes observadas na praça central, estavam, em sua maioria, dormindo na casa de amigos, no albergue da prefeitura municipal, na própria rua, ou ainda com os pais.

A situação de Maurício (13 anos) pode elucidar esta troca de lugares, de espaços para dormir. Quando eu o conheci no dia 12 de junho, estava dormindo no albergue municipal, nos encontramos na rua durante duas ou três semanas consecutivamente, e então Maurício não aparece mais. Pergunto aos demais por notícias dele, comentaram que havia sido recolhido pelo conselho tutelar. Em 18 de setembro reencontro Maurício, estava de cabelo raspado e falou-me que estava dormindo na casa de um amigo no assentamento dos “sem-teto”, na periferia de Santa Maria. Pouco tempo depois novamente fiquei sem notícias dele. Dirigindo-me para a oficina pedagógica, no dia 04 de novembro, alguém me chama de professora na rua, olho e vejo Maurício, que disse-me ter encontrado seu avô e estar morando com ele.

Esta mobilidade de Maurício, demonstra a impossibilidade de categorizar estas crianças e adolescentes em situação de rua, somente a partir de sua inserção ou não no meio familiar.

O cenário

Permanência de crianças e adolescentes nas ruas das cidades não é prerrogativa dos anos 90, pois Lima e Venâncio (1995) afirmam que desde o século XVII o Rio de Janeiro enfrentava o problema do abandono de crianças, largadas nas ruas e terrenos baldios. Destacam que em 1738, na Santa Casa de Misericórdia, da mesma cidade, foi fundada a Roda e a Casa dos Expostos, com objetivo de receber crianças abandonadas.

Outro fato a ser destacado na história da criança no Brasil, foi a “lei do ventre livre” promulgada em 1871, que libertava os filhos de pais escravos. Para Lima e Venâncio (1995) e Mattoso (1995) esta lei veio a contribuir para o aumento no abandono de crianças negras nos centros urbanos do país.

Embora estes fatos façam parte da história da criança no Brasil, grande parte desta violação de direitos continuam a ser cometidos atualmente, mesmo tendo como as causas, novos fatos sociais, políticos, econômicos, etc.

Cervini e Burger (1991) e Farias (1991) apontaram como principais causas para as crianças e os adolescentes estarem nas ruas, a pobreza, altas taxas de natalidade, o êxodo rural, moradias inadequadas, estagnação econômica aliadas a distribuição desigual da renda, bem como a ausência de programas governamentais de assistência.

Em pesquisa realizada em Porto Alegre, Bandeira et al. (1994), entrevistaram 67 meninos e 30 meninas em situação de rua, com idades variando entre 9 e 17 anos. Quando perguntados sobre os motivos que os levaram a sair de casa, (52%) do total dos entrevistados responderam que a causa foi problema de relacionamento familiar; (40%) freqüentemente era envolvido com abuso físico, (11%) abuso de drogas e (3%) abuso sexual. Outros sujeitos revelaram ter saído de casa por não tolerarem a pobreza, falta de comida e de dinheiro (26%), ausência do pai (16%), por terem vindo do interior “tentar a vida na cidade” (8%), por doença do pai ou da mãe (5%). Além disso, cerca de (24%) dos entrevistados afirmaram ter saído de casa por gostarem mais da rua do que da vida em suas casas.

Em pesquisa realizada em Santa Maria, Diegues (1994) entrevistou 14 crianças e adolescentes em situação de rua, com idades que variaram de 9 à 16 anos. Para todos eles o motivo inicial da ida para a rua foi a necessidade de ajudar a família na sobrevivência. As ocupações desenvolvidas são mendicância em sua totalidade, seguidas por atividades consideradas como pertencentes ao mercado informal: engraxate, guardador de carros, vendedor de bilhetes lotéricos.

Para estas crianças e adolescentes de Santa Maria, a rua é percebida como perigosa e para alguns é necessário ser esperto o suficiente, a fim de não permitir ser pego ou enganado.

Craidy (1996) menciona que a rua das crianças e dos adolescentes nesta situação, diferencia-se da rua dos transeuntes comuns, pois estes saem a passeio ou para o trabalho, enquanto que muitas crianças e adolescentes fazem da rua o seu lugar de viver. Esta rua não foi escolhida por eles como um espaço alternativo para viver, mas a rua mostra-se como o único espaço possível para a sobrevivência de um número cada vez maior de pessoas, inclusive de várias faixas etárias.

Tal situação é evidente nas ruas e praças de Santa Maria, onde encontram-se crianças, adolescentes, adultos e inclusive indivíduos da terceira idade. Durante as observações realizadas na praça central, a movimentação de algumas pessoas, os contatos, a apreensão denunciada pelo olhar, pela inquietude evidenciam que a contravenção está presente. Este mesmo espaço da rua que é palco de ações ilícitas, também abriga a criança que brinca ou o idoso que busca um banco para descansar.

Observando atentamente a rua, torna-se evidente que ela não se reduz a um espaço, a um caminho de passagem, mas abarca um universo de significados diferenciados: trabalho, lazer, encontros, festas, transeuntes, veículos, etc, os quais transcendem os traços estabelecidos para esta rua, durante o seu planejamento.

A rua é acima de tudo um espaço público, um local de direito de todos. Entretanto, Craidy (1996) evidencia que as pessoas que fazem da rua a sua moradia, passam a redefini-la em relação aos seus espaços, erguendo paredes invisíveis, numa partilha minuciosa dos locais, privatizando o que é público. Com isso, passam a realizar na rua os atos mais íntimos, tais como as necessidades fisiológicas, o banho, o sono, etc. Assim, a rua não é um espaço de liberdade, mas sim um lugar de confinamento.

Craidy (1996) fala em uma cultura da rua, onde a inserção do indivíduo neste espaço, dá-se de forma gradativa, abandonando hábitos, costumes e conceitos, para pouco a pouco ir vivenciando e adquirindo um novo entendimento da rua, enfim da vida.

A integração da criança e do adolescente na cultura do mundo da rua é mais rápida que a do adulto. Estando em fase de desenvolvimento, denotam situações extremamente agravantes, pois a ausência de uma relação permanente com adultos que os assumam, geram nestas crianças a insegurança, o sentimento de abandono, carência afetiva, baixa auto-estima e reações agressivas, levando à construção de um universo simbólico que lhes é próprio, radicalizando o sentimento de exclusão.

Entretanto, Santos e Vogel (1981) fazem referência a reciprocidade e a troca que acontece nos espaços da rua.

No decorrer das observações foi possível identificar que a vida das crianças e dos adolescentes em situação de rua é fundamentada em ações de reciprocidade (quando trocam cigarros, alimentos em geral) e solidariedade (amizade, afetividade, proteção), que passam a substituir a família, tornando-se necessários para a vida na rua. Em inúmeras situações presenciou-se trocas e divisões, principalmente em se tratando de alimentos

(pão, bolacha, refrigerante, frutas), e em especial o cigarro. A questão do cigarro evidenciou-se em inúmeros encontros, pois grande parte das crianças que encontravam-se na praça central fumavam, então partilhavam um mesmo cigarro pedindo “um pega” ao colega, ou então quando havia um maço de cigarros, pedia-se e ganhava-se um cigarro inteiro, que imediatamente era aceso e dividido com os colegas.

Vieira et al. apud Craidy (1996) destacam que a integração na rua é baseada em vínculos informais de solidariedade com grupos e companheiros de rua, onde a bebida e as drogas constituem-se em elemento socializador básico.

Assim, os grupos possuem um lugar central na cultura de rua onde a solidariedade de seus iguais é um elemento decisivo na resolução das questões de sobrevivência, da segurança e sobretudo, da vida afetiva (Craidy, 1996).

A representação corporal

Não existe natureza humana independente da cultura, pois o homem ao mesmo tempo em que é produzido também produz cultura, interagindo de forma dinâmica com o seu mundo.

Geertz (1989) destaca que tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção de padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em torno dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção em nossas vidas. Sendo o homem um animal incompleto e inacabado, formas altamente particulares de cultura vêm justamente para completá-lo, pois sem homens não haveria cultura, mas de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homens. O estabelecimento de uma cultura própria para as crianças e adolescentes em situação de rua, acontece ao longo da convivência diária, fazendo parte da competência social que cada um adquire para viver neste meio, seja através da observação e da aprendizagem, ou mesmo da imitação dos comportamentos vivenciados com os outros. Assim que uma criança começa a interagir com o mundo da rua, ela possui determinadas formas de pensar, sentir e agir que serão paulatinamente recriadas e reorganizadas de acordo com as necessidades do seu viver. Possuem uma cultura baseada na informalidade e no descompromisso, onde a grupalização proporciona a comunicação através de códigos gestuais, criados e praticados em seu cotidiano, restringindo a compreensão aos conhecedores e usuários desta linguagem, estabelecida em sua cultura, servindo inclusive como um instrumento de proteção destes grupos.

A cultura de um grupo específico também pode ser analisada através da observação do corpo. Gonçalves (1994) aponta que o corpo de cada indivíduo revela a sua singularidade pessoal, assim como caracteriza o seu pertencimento e garante a unidade de um grupo. Além disso, cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade

que nele marca os seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos que estão na base da vida social.

A questão do corpo em crianças e adolescentes em situação de rua, deixa evidente o seu pertencimento à um grupo marginalizado. É possível observar suas cicatrizes pelo corpo, que denunciam uma história de vida onde a violência cometida, transformou-se em valor cultural, e um corpo grande e forte representa o poder e a liderança.

Pedro, 17 anos, alto e forte, de bochechas rosadas, transita entre a agressividade e a passividade, em segundos. Quando provocado ou enfrentado, transforma-se subitamente em um indivíduo agressivo, partindo imediatamente para o enfrentamento direto com o opositor. Neste momento qualquer objeto próximo torna-se instrumento de agressão: cadeiras, pedaços de madeira, pedras.

Presenciei pela primeira vez tal acontecimento no dia 13 de agosto de 1996, quando um pequeno desentendimento entre dois colegas tornou-se motivo para a agressão física mútua, envolvendo, inclusive, outros meninos do grupo. A expressividade do corpo, revela gestos de braços e mãos que chamam o colega para a briga, ao mesmo tempo tomando a posição de defesa e agressão, olhos semi-cerrados fixos no opositor e uma expressão facial de fúria, aliados a linguagem provocativa, baseada em insultos e palavras afrontosas, compõem um quadro geral da situação.

Por outro lado sua forma de movimentação extremamente ágil e esperta, denota um corpo livre, expressivo e aventureiro, onde o ambiente, seja com instrumentos criados pelo homem ou pela natureza, proporciona a exploração do equilíbrio, elasticidade, força, coordenação, etc.

Daolio (1995) destaca que existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que é corpo de diversas formas.

De maneira semelhante, Gonçalves (1994) diz que ao longo da história o homem demonstrou através das concepções de tratamento e do seu comportamento, as relações com o seu corpo determinadas pelo contexto social, revelando várias técnicas corporais.

O uso do termo “técnica-corporal” foi utilizado primeiramente por Mauss (1974) ao abordar a questão corporal em seus estudos antropológicos. Definiu técnica-corporal como “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional sabem servir-se dos seus corpos” (p.211).

Daolio (1995) ao analisar os estudos de Mauss, afirma que este autor define técnica como um ato que é, ao mesmo tempo tradicional e eficaz, ao falar do corpo humano em termos de técnicas corporais, elevou-o ao nível de fato social, podendo, portanto ser pensado em termos de tradição a ser transmitida através das gerações.

A cultura estabelecida no mundo da rua, têm no próprio corpo humano um

emissor que transmite para o outro uma mensagem, seja de forma consciente ou não, servindo como um meio imediato de comunicação. Ao vivenciar pela primeira vez o mundo da rua, percebe-se que o menino(a) ao entrar em contato com o grupo, possui comportamentos e expressões diferenciadas das crianças que já estão vivendo um longo período e têm acumuladas experiências de rua.

Conforme Rodrigues (1986) o corpo humano é concebido socialmente e a análise de sua representação social oferece subsídios para o entendimento de uma sociedade particular. Para este autor, além de saber que os corpos se expressam diferentemente porque representam culturas diferentes, é necessário e imprescindível entender quais os princípios, valores e normas que levam os corpos a se manifestarem de determinada maneira, compreendendo os símbolos culturais que estão representados no corpo.

A cultura estabelecida pela rua, mostra corpos descuidados, ágeis, agressivos, lúdicos e produtivos, onde valores do mundo da rua interagem com os símbolos da sociedade em que vivemos.

Durante o processo de socialização, a cultura imprime no ser humano marcas que determinarão normas, idéias, valores e padrões de comportamento que servem para regular a vida do homem em sociedade. A maneira, as formas, os jeitos e trejeitos do homem comportar-se corporalmente estão atreladas aos fatores socioculturais, que por sua vez determinam o pertencimento de um indivíduo a um grupo cultural, revelando a sua singularidade pessoal e caracterizando a unidade desse grupo.

Em observações realizadas no Projeto Escola Aberta e na praça central de Santa Maria foi possível identificar as crianças e adolescentes em situação de rua pela sua aparência, forma de movimentação, formação de grupos, atividade desenvolvida, etc. que estão relacionados aos aspectos culturais de identificação do grupo. A observação e conseqüente análise do corpo destas crianças, a forma como se movimenta, suas roupas e acessórios, o modo como fuma e pega o cigarro, quando rói as unhas ou chupa o dedo, como parte um pão e se alimenta são formas de expressão que representam o seu grupo.

Gomes (1994) destaca que o corpo é uma linguagem, uma fonte de expressão que assume diversas faces, dependendo do tempo e do local de onde ele fala.

Ao observar crianças que se encontram nas ruas e praças em horários escolares, não estando acompanhadas por pais ou responsáveis, mas sim trabalhando, mendigando ou ainda perambulando, possibilita o delineamento de sua identificação, pois o corpo apresenta através de sua aparência, valorização, rituais, formas de movimentação, etc. registros da realidade social e cultural na qual ele está inserido. Além disso, uma criança usando roupas sujas, com aparência de abandonada e estando desacompanhada, produz somente uma identificação, isto é, está vivendo na rua.

Neste sentido, é possível através do corpo, compreender a sociedade, suas normas e seus valores, onde a linguagem corporal torna possível a identificação do grupo

social a que pertencem os indivíduos e seus pensamentos, sentimentos e ações denunciam os valores por estes considerados.

Rodrigues (1983) afirma que o corpo humano é socialmente concebido e a análise e da representação social deste corpo, oferece uma das numerosas vias de acesso à estrutura de uma sociedade particular.

Analisando as representações corporais das crianças e adolescentes em situação de rua para entender os valores que orientam estas representações e a dinâmica na qual esses valores desaparecem, emergem ou são produzidos, é possível afirmar que o corpo é entendido como algo que está frequentemente com a possibilidade de passar por perdas e danos, é algo que precisa ser carregado e alimentado. Não possuem a representação mental do seu corpo de acordo com o real, pois ao observarem-se em uma vídeo-filmagem manifestaram-se surpresos com a sua própria imagem. Estas crianças e adolescentes não percebem que o seu corpo é a sua forma material de ser e existir no mundo.

Os cuidados que mantêm com o próprio corpo são estabelecidos de acordo com o local onde estão, determinando os seus hábitos higiênicos em relação ao corpo. Quando estão na rua, encontram-se sujos e quando retornam à escola passam a ter maiores cuidados com o próprio corpo, entretanto a presença de laço familiar estabelecido não é determinante em relação a questão higiênica. A carência afetiva, embora não seja claramente demonstrada, aparece representada em ações de indiferença e contrariedade em referência as outras pessoas. Sua sexualidade é externada através de brincadeiras, comentários e histórias contadas entre amigos.

De uma maneira geral, sua representação corporal é fundamentada na instrumentalização de seu corpo servindo como força de trabalho para conseguir um dinheiro para a sua alimentação, sendo usado para a agressão que é a forma de agir estabelecida para a sua proteção e também seu corpo é fonte de alegria em suas brincadeiras. Nesta perspectiva, seu corpo é percebido como uma forma, um veículo de contra-atacar as dificuldades enfrentadas no seu cotidiano.

Kuhn (1996) realizou uma pesquisa em 1994 com crianças em situação de rua, encontrando que o corpo é visto como cabeça, braço, coração sendo utilizado como um objeto de sobrevivência, o que ratifica as observações realizadas na presente pesquisa.

Desta forma, pode-se olhar para o corpo das crianças e adolescentes em situação de rua, percebendo-o como um mapa dos valores presentes na ordem social, considerando o corpo como uma construção simbólica, onde os valores sociais são identificados.

Gomes (1994) destaca que o falar em representação corporal, está se referindo à forma pela qual o corpo é visto, vivido e percebido por determinada sociedade, grupo social ou indivíduo nela inserido em dado período histórico. As representações

corporais, assim como todo o sistema de representação, são mediadas por valores, crenças, normas e expectativas que estão presentes na ordem social e se estabelecem a partir das inter-relações.

Sabe-se que o indivíduo têm os seus comportamentos determinados através do processo de socialização, que acontece em contato com a sociedade, evidenciando os valores, normas e padrões que orientam a sua conduta. Sendo o corpo um instrumento de expressão destas representações, é possível identificar um indivíduo através da sua maneira de vestir, altura, aparência, idade, sexo, raça, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais, entre outros. Tal caracterização é denominada por Goffman (1996) como fachada pessoal, referindo-se...

“à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, é portanto, o equipamento expressivo do tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante a sua representação” (Goffman, 1996, p. 29 e 31).

As crianças e os adolescentes em situação de rua possuem uma fachada pessoal passível de identificação, onde sua vivência e relação com a família é fator decisivo na determinação da sua fachada. Isto não significa que a situação de morar com a família seja a garantia de cuidados corporais e relações afetivas estabilizadas. O fator preponderante aqui é o tipo de relação estabelecida com a família, onde fatores como número de irmãos, presença do pai ou padrasto, afazeres da mãe, nível de pobreza familiar entre outros, determinam a relação estabelecida e conseqüentemente a aparência e a maneira de se apresentarem.

Goffman (1996) divide os estímulos que formam a fachada pessoal em “aparência” e “maneira”, de acordo com a função exercida pela informação que esses estímulos transmitem. A “aparência” refere-se aos estímulos que servem para revelar o status social do ator, ou suas atividades momentâneas; enquanto que a “maneira” diz respeito aos estímulos que funcionam no momento para informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima.

O estímulo da aparência é determinado, de maneira geral nos dois grupos investigados, apresentando um descaso com o próprio corpo, representado primeiramente na questão higiênica e na aparência do vestuário, pois estes grupos vivem em precárias condições de vida, tanto na rua quanto em suas casas.

Seus costumes em relação a questão da higiene corporal, são determinados pelo ambiente em que estão vivendo. Considerando a rua ou a praça central como local de viver, alguns aspectos da sua vida privada acontecem em situações públicas, como é o

caso do banho, o que dificulta a necessidade de torná-lo um hábito diário. Mesmo as crianças que moram com as suas famílias não o apresentam como um hábito incorporado. Entretanto as relações estabelecidas entre o grupo permite que exigências, principalmente diante do mau cheiro, sejam reclamadas. No caso dos educandos do Projeto Escola Aberta, a possibilidade de tomarem banho no ambiente escolar é seguido por muitos, em especial em dias de alta temperatura ou após as aulas de Educação Física.

Em relação à aparência do vestuário, o uso de várias peças de roupas sobrepostas é comum durante o período do inverno, quando tiradas são amarradas em torno da cintura para evitar o extravio ou esquecimento. Em muitos casos as roupas podem ser de tamanhos menores ao necessário, apresentando mangas e/ou pernas curtas deixando parte do tornozelo descoberto. A questão de roupas da moda com cores e modelos em evidência na atualidade, não apresentam-se como valorizadas para este grupo de crianças e adolescentes, assim como etiquetas de grifes valorizadas em outros grupos sociais, não possuem importância. Complementando a sua aparência, muitas crianças costumam usar chinelos mesmo durante o inverno, justamente pelo fato de não possuírem um calçado fechado para usar, pois a grande maioria possui um único par. Em observações realizadas nas aulas de Educação Física, a roupa não costuma ser trocada embora, as vezes, não esteja adequada para a prática dos esportes. Já os calçados fechados e chinelos são retirados dos pés durante o jogo do futebol e demais atividades.

A análise do descaso corporal, embora presente na maioria dos sujeitos observados nesta pesquisa, não pode ser generalizada a todos. Poucos sujeitos apresentam uma preocupação com a sua aparência, quando acontece é em relação aos adolescentes que possuem uma relação familiar com laços afetivos estabilizados, poucos filhos (2 ou 3), mãe que realiza trabalhos de limpeza em outras residências e principalmente quando o filho adolescente trabalha e contribui com a renda familiar, o que possibilita-o comprar as suas próprias roupas.

Ao estabelecer um paralelo sobre a aparência das crianças do Projeto Escola Aberta e as que foram observadas na praça central de Santa Maria, é possível afirmar que estas últimas possuem um descaso maior com a sua própria fachada corporal, mostrando cabelos desgrenhados, roupas com vários dias de uso e um evidente desleixo com a higiene corporal.

“As crianças que estiveram na escola e hoje estão na rua, ficam arredios e não querem que se chegue perto deles. O Ednei (13 anos) quando está na rua está sujo, e eu acho que ele se sente sujo inteiro e não quer que a gente chegue perto, acho que se sente sujo não só por fora mas por dentro também” (Profª Isa).

Os acessórios também compõem a aparência destes grupos. Quando integrados nos grupos da rua os meninos permitem-se ao uso de brincos, colocando

vários em uma orelha. Os grupos da rua também usam adereços de pescoço, com objetos que simbolizam culturas, contravenção social, entre outros. Cabe destacar que estes objetos são usados por uma parcela considerável da população adolescente da cidade, não sendo identificação particular deste grupo.

Estabelecida a questão da aparência em crianças e adolescentes em situação de rua, é necessário voltar olhar para as suas “maneiras” nas representações desempenhadas em momentos de situações específicas. Vários elementos compõem a representação destes atores especialmente quando se trata do mundo da rua, onde os papéis devem ser representados com veemência.

Embora os grupos possuam líderes que desempenham determinadas representações, baseadas em relações com adultos influentes e demonstração de poder e força, a questão da malandragem foi evidenciada no grupo como um todo. Esta malandragem possui elementos de linguagem, geralmente gírias e abreviações, onde a pronúncia é arrastada e as frases são entremeadas por vícios de linguagem, palavras estas que devem estar em uso pelo grupo no momento.

Juntamente com a linguagem e a entonação arrastada do falar, estão os gestos, a movimentação e a expressão corporal. Seus gestos são amplos, permeados por códigos de comunicação entre os companheiros do grupo e os demais indivíduos que diariamente perambulam pela praça, o que torna a movimentação intensa. Sua atenção é voltada aos carros que estacionam, ao parceiro que está fumando, aos adultos da rua que por ali transitam, ao lanche que pode chegar, mostrando-se atento à tudo que acontece.

Seus rostos representam alegria, indignação, tristeza, agressividade de acordo com a situação que estão vivenciando, sendo que a representação da expressão de tristeza em alegria é percorrida em segundos, assim como da ludicidade em agressão e vice-versa, etc. A possibilidade de representar várias situações em poucos instantes, é notadamente grande. Quando dirigem-se ao dono do carro, fazem sinais ou assovios mostrando que estão cuidando o automóvel e quando este retorna aproximam-se para receber a gratificação, apresentando uma expressão facial de cordialidade.

A forma do corpo e a sua linguagem são um meio imediato de comunicação: o esquelético de olhos esbugalhados, profundamente tristonhos ou vivos, o desajeitado, o provocante, o agressivo, o tímido são indícios perceptíveis através da observação atenta e densa da manifestação corporal, apresentada por estas crianças e adolescentes.

Graciani (1995) fala na importância de compreender o significado do papel do corpo da criança e do adolescente em situação de rua, pois suas cicatrizes evidenciam uma história de vida sofrida, enquanto que o seu corpo livre, expressivo e esperto realiza coreografias lúdicas para vencer a batalha cotidiana da vida na rua.

Embora vivendo em uma sociedade amplamente estruturada, o estilo de vida das crianças e adolescentes em situação de rua, assemelha-se ao das sociedades primitivas. A expressividade facial pode vender uma raspadinha, a agilidade pode defendê-lo da

agressividade de um policial e os seus códigos expressivos comunicam significados que o identificam como membro de um grupo. Além disso, as tatuagens também são usadas como um código de identificação, em um pequeno grupo. Assim como as danças de rua, embora não estejam presentes nos grupos observados em Santa Maria, fazem parte da manifestação cultural de grupos sociais em outras cidades.

Utilizando a relação com o corpo como um elemento de análise, Craidy (1996) elaborou um esquema diferenciador de meninos de rua, de gangues e infratores. Os meninos de rua apresentam uma relação com o seu corpo baseada no desleixo e no descuido, evidenciando um comportamento próximo ao malandro, enquanto que os meninos de gangues possuem um comportamento rebelde, cultuando o corpo através da prática das artes marciais e o uso de vestimentas vistosas, onde a marca da roupa é essencial. Já o grupo de meninos infratores cultua o corpo, o heroísmo e o luxo com um comportamento próximo ao do bandido.

Considerando-se o grupo investigado na presente pesquisa para estabelecer um paralelo com a categorização da autora acima referida, confirma-se por análises anteriormente estabelecidas que os mesmos pertencem ao grupo das crianças vivem rua, seu descaso corporal e a malandragem foram evidentes nas observações realizadas.

Valores norteadores da representação corporal

Para fazer um elenco abrangente das manifestações observadas na representação corporal destas crianças e adolescentes, temo poder não abarcar seu mundo complexo de representações onde emerge uma rede de valores e relações construídos pela própria dinâmica cultural que estes apresentam e que merece um estudo minucioso e particular. Entretanto, foram constatadas manifestações de solidariedade, companheirismo, proteção, bem como aspectos relacionados à questão do gênero e a sexualidade. Destaquei para o estudo em referência três valores essenciais para o grupo em evidência: ludicidade, trabalho e agressividade. Tem que se deixar claro que estes valores tornaram-se evidentes durante o período das observações, manifestando-se em diversas situações tanto na rua, quanto na Escola.

A questão da ludicidade, manifesta-se essencialmente no brincar. A criança, ao brincar, entra em contato com o mundo da fantasia, criando e recriando o seu próprio mundo representando situações vividas ou imaginárias. O brincar é a representação da manifestação do lúdico.

Santin (1987) destaca que o lúdico situa-se na esfera do simbólico. Sua manifestação denuncia um comportamento que traz consigo valores, evidenciando uma intencionalidade. Comportamento e lúdico são inseparáveis, pois é no comportamento que o lúdico se manifesta.

A questão da ludicidade, como inúmeros outros fenômenos, está diretamente relacionada a fatores de ordem cultural, variando de um indivíduo para o outro, como também de sociedade para sociedade ou entre diferentes culturas.

As crianças e os adolescentes que vivem nas ruas dos centros urbanos, enquanto produtoras de sua própria cultura, expressam a sua ludicidade de acordo com as possibilidades do meio em que vivem, pois mesmo desempenhando a tarefa adulta do trabalho, ainda brincam. Isto acontece no local onde estão, ou seja, na rua mesmo, com as possibilidades que ela lhes apresenta. *“Quando eu cuido carro às vezes eu brinco de pega, na praça...e só” (Ronaldo, 14 anos).*

O brincar é inerente ao processo de desenvolvimento da criança, possibilitando a sua socialização com o mundo, fazendo parte da aprendizagem da própria vida. Perguntei à Clara (11 anos) porque brincava: *“Eu brinco porque sou criança”*.

O brincar faz parte da cultura da humanidade, acompanhando a história cultural de um povo ou de um grupo, sendo passado através das gerações.

Graciani (1995) refere-se ao ato de brincar como uma possibilidade de afirmação e construção para a criança em situação de rua, onde o fato de rever-se no mundo no exercício da sua fantasia, reinventa a realidade, criando e recriando o conhecimento sobre o seu universo.

Através do relato feito pelas crianças e adolescentes com referência as suas brincadeiras de infância e adolescência, evidenciou-se a presença do futebol como a atividade praticada pela maioria dos meninos, inclusive estando presente em vários horários e dias da semana. O futebol, por ser o esporte representativo da cultura brasileira e exigir somente um espaço e uma bola, ou qualquer material/objeto que possa ser chutado, oferece possibilidades de prática para todas as pessoas.

Brougère (1997) chama a atenção para a diferença sexual na determinação das brincadeiras, onde o universo feminino fica junto da família e do cotidiano, enquanto que o menino parte para a descoberta, escapando do peso do cotidiano. Tal situação é evidenciada nos estudos de Koller et al. (1996) que encontraram as meninas brincando mais no espaço privado da casa, enquanto que os meninos utilizavam-se mais dos espaços públicos, em especial ruas e praças, para brincar.

Constatou-se que as brincadeiras das meninas são voltadas para cantigas e rodas pertencentes a nossa cultura, e principalmente brincam recriando e reinventando sua vida, onde os afazeres domésticos e o uso da boneca compõem o cenário da sua representação. *“Eu gostava de brincar de boneca e de comidinha” (Clara, 11 anos).*

Koller et al. (1996) realizaram uma pesquisa em Porto Alegre sobre a questão da brincadeira e do brinquedo, com 15 crianças em situação de rua, encontrando que o espaço da rua é utilizado para brincar e as crianças aproveitam os objetos do próprio meio (postes, bancos, canudos, copos, etc.), embora manifestem desejos pelos

industrializados.

No decorrer desta investigação, observei crianças e adolescentes brincando de correr, utilizando o seu próprio corpo e fazendo dos objetos do local instrumentos que dificultam a brincadeira, tornando-a mais perigosa. A rua representa o perigo ao jogar com a sua própria vida, numa atitude de indiferença, enquanto que os bancos e canteiros representam mais um local proibido atingido. Ao prenderem o colega demonstram poder sobre a sua liberdade, tão valorizada e ao mesmo tempo ameaçada, em suas vidas.

Estas crianças ou adolescentes que fazem da rua a sua casa, usam o próprio ambiente e exploram as possibilidades oferecidas, extraíndo do seu contexto as mais diversas brincadeiras. Para isto usam o próprio corpo ou então transformam os diversos materiais encontrados em lixeiras ou jogados pela rua em brinquedos, a tampa de uma lata qualquer é o guidom do seu carro, quando ele sai “cantando pneu”, freando e buzinando pelas ruas e praças do centro da cidade. Tocos de cigarro e tampinhas de garrafa acompanham a sua fantasia, transformando-se naquilo que a sua imaginação quiser, com o significado à ela atribuído. Esta é a manifestação do lúdico, que somente neste ato de brincar pode ser compreendido.

A vivência do lúdico no cotidiano das crianças e adolescentes em situação de rua, acontece a qualquer momento e em qualquer local, utilizando-se basicamente de brinquedos artesanais ou do próprio corpo, o lúdico manifesta-se intensamente no ato de criar, ou melhor, é o próprio.

A sociedade em que vivemos atualmente, carrega no seu bojo a valorização da criança enquanto adulto do futuro, esperança de um país. Entretanto, a criança e o adolescente em situação de rua vivenciam o mundo do brincar e o mundo do trabalho de maneira concomitante. Embora já referido anteriormente, o mundo do trabalho e o mundo do brinquedo fazem parte do cotidiano deste grupo, onde em determinados momentos e de acordo com as possibilidades priorizam-se um ou outro, isto é, num instante a criança está oferecendo uma raspadinha para ser vendida que em um segundo após transforma-se num carrinho que desliza pela guarda de um banco da praça ou pelo corrimão de alguma escada.

Estas atividades de trabalho ou brinquedo não possuem horários ou momentos específicos planejados, mas acontecem a partir da vontade/desejo/oportunidade vivenciadas pelas crianças no seu cotidiano.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) proíbe qualquer trabalho para crianças com idade inferior a 14 anos, entretanto basta caminhar pelas ruas e praças da cidade para encontrar em qualquer esquina crianças vendendo raspadinhas, produtos importados, chicletes, suco, guardando carros, etc. Porém não é toda e qualquer criança que está trabalhando, enquanto deveria estar na escola ou brincando. As crianças que trabalham desde tenra idade, tem sua situação determinada no nascimento, pois é sua

inserção em certa classe social, que estabelece as formas de comportamento, de desempenho das funções, de socialização e de apropriação do conhecimento. Sendo uma criança nascida em uma classe privilegiada, certamente não estaria nas ruas desempenhando funções que estariam reservadas ao seu futuro.

Em situações mais drásticas, encontram-se inúmeras crianças e adolescentes que precisam passar grande parte do dia na rua, vendendo algo ou mendigando, inclusive algumas crianças possuem valores monetários estabelecidos, tendo a permissão para voltarem para casa quando o atingirem.

Trabalhando desde a infância numa antecipação da vida futura, torna a transição entre a infância e a idade adulta como um fato indiferente para estas crianças, entretanto ocorrem diferenças nesta passagem em relação a outras classes sociais.

Bonamigo (1996) afirma que as crianças trabalhadoras entram tardiamente nas escolas, seguindo a abandonos temporários e repetências. Consequentemente acontecerá um atraso etário em relação a série, muitas vezes levando a expulsão definitiva da criança trabalhadora do meio escolar, evidenciando que o trabalho infantil, embora não impeça a frequência escolar, acaba prejudicando-a de alguma forma. *“Eu já estudava aqui na escola, mas tive que largá porque comecei trabalhá entregando jornal, agora que eu não tô mais lá, eu voltei” (André, 15 anos).*

Situação idêntica encontra-se nos outros sujeitos do grupo investigado para a presente pesquisa, onde a grande maioria dos meninos fazem o trabalho guardando carros, principalmente à noite. Os meninos procuram “pontos” de grande movimento noturno, geralmente em ruas de acesso a bares e restaurantes do centro da cidade. Também procuram estar informados sobre os eventos que acontecem na cidade, para permanecerem nestes dias nesses locais.

Pilotti e Rizzini (1993) em estudos referentes aos centros urbanos, afirmam que as crianças geralmente desenvolvem na via pública trabalhos destinados à própria sobrevivência pessoal e de sua família.

O trabalho infantil é percebido por estas crianças e adolescentes como algo normal em suas vidas, inclusive tornando-se um valor importante pelo fato de estar contribuindo com a sua família: *“Sabe o quê eu faço com o dinheiro? Um pouco eu guardo, um pouco eu dô pra mãe, eu pago a luz, pago a água, dô dinheiro pra carne toda a semana” (Luís, 15 anos).*

Bonamigo (1996) analisou a questão do trabalho e a formação da identidade em crianças e adolescentes em situação de rua e afirma que embora o trabalho surge de uma necessidade econômica, aparece como algo valorizado através do dinheiro que proporciona e da inserção do sujeito no mundo social. Desta forma, a criança ajuda no sustento da família e ainda garante o seu próprio dinheiro, o que vêm a lhe conferir utilidade e status no meio familiar e social: *“O leite da minha irmãzinha...é minha*

responsabilidade” (Luís, 15 anos).

Também é importante evidenciar o valor do trabalho atrelado aos ganhos econômicos que proporcionam a sobrevivência individual e da família e o fato de não trabalhar é percebido como uma ociosidade marginal. “*Quem é vagabundo morre de fome*” (Pedro, 17 anos).

Quando Bandeira et al. (1994) realizaram uma pesquisa em Porto Alegre, investigando a respeito das atividades cotidianas desempenhadas pelas crianças e adolescentes em situação de rua, verificaram que 45% dos entrevistados revelaram trabalhar (fazer bicos, encostar carros, engraxar sapatos, vender pequenos objetos, participar de oficinas-escolas); assim como a atividades de vagar pela rua (35%); brincar (31%); roubar (26%); pedir dinheiro (25%); usar drogas (11%); prostituir-se (6%) e participar de oficinas (6%). Além disso, uma alta porcentagem de sujeitos revelou frequentar instituições de assistência, durante o dia (87%).

A desvinculação das normas familiares e o afastamento deste meio, atrelados ao trabalho ocasional, podem estar associados aos pequenos furtos, que passam a fazer parte do seu cotidiano, como uma forma de complementação da renda familiar, quando não a própria.

Além da ludicidade e do trabalho, a questão da agressividade foi outro valor destacado na orientação da representação corporal das crianças e dos adolescentes em situação de rua.

A agressividade é um comportamento que está diretamente relacionado à questão que envolve a violência social. O ser humano representa estar cada vez mais indiferente aos vários tipos de violência que somos acometidos todo o dia, ou melhor, a violência está sendo banalizada.

Graciani (1995) aponta para um quadro geral de violência social que domina o cotidiano das crianças e adolescentes em situação de rua, partindo da desintegração familiar à exclusão e exploração social que são submetidos todos os dias.

No decorrer das observações desta investigação realizadas no ambiente escolar, o comportamento agressivo tornou-se um dos aspectos mais presentes ou salientes nos primeiros passos deste estudo. Para as crianças e adolescentes em situação de rua a utilização da agressividade serve como um mecanismo de defesa diante de situações que venham deixá-los sem alternativas de reação, pois não costumam dialogar em momentos de conflito: “*Eu só brigo em últimos caso, quando so provocado*” (André, 15 anos).

As agressões, na maioria dos casos, têm o seu início dentro da família, onde os filhos vêem muitas vezes suas mães serem agredidas por maridos ou companheiros embriagados, e mais tarde, estes mesmos filhos reproduzem estas ações batendo em suas mães ou mulheres. Pedro (17 anos) possui um comportamento que flutua entre a agressividade e a passividade em segundos, tendo inclusive já batido em sua mãe. Atualmente não mora com ela, pois segundo seus relatos, ela encontra-se morando com

um outro homem que não mantém boas relações com ele.

As situações ocorridas entre as crianças que podem levá-las a agredirem-se mutuamente no seu grupo de convívio não são muito comuns de acontecerem no espaço da rua, pois em raros momentos observei tais situações. Quando aconteceram estavam relacionadas a dinheiro ou a objetos como roupas ou calçados que haviam sido emprestados e não devolvidos: “Fui duas vez cuidá carro e os piá tomaram o meu dinheiro e quase me deram com um canivete” (Pedrinho, 11 anos); “O Careca que me pega porque me empresto um tênis e eu ainda não devolvi, mas eu não tenho otro e ele têm” (Volnei, 14 anos).

Aptekar (1996) fala em percepções enganosas sobre o nível de violência da criança em situação de rua, pois alguma violência entre as crianças já é esperada ao considerar-se a própria situação produtora de violência em que vivem e em países onde há uma história de violência. Por mais violenta que sejam as relações entre estas crianças, a reação violenta mais temida é a do público, em especial da própria polícia militar.

Embora tenham um bom relacionamento, no que diz respeito à situações de violência familiar, as situações de agressividade acontecem diante de interesses díspares dos membros familiares. Os desentendimentos baseados em interesses diferentes não são discutidos, não há o estabelecimento de regras para que ocorra uma boa convivência familiar, pois os pais não procuram dialogar com os seus filhos.

Dimenstein (1994) aponta para a pobreza como o fator provocador da desintegração familiar. E ela vem junto com a violência. Os meninos(as) costumam dizer que preferem morar na rua a morar em casa, pois morando na rua fogem das agressões do pai ou da mãe. A presença de bebidas alcoólicas é um dos fatores que levam muitos pais a baterem em seus filhos. Essas agressões não são nada leves. Quase um terço das mortes de crianças e adolescentes ocorridos em São Paulo em 1991, foram provocadas por pessoas da família. Em 75% dos casos de abuso sexual, o culpado é um parente, geralmente pai ou padrasto.

O viver em situação de extrema pobreza não conseguindo satisfazer necessidades mínimas, acumulando desejos frustrados e vivendo diante da impossibilidade, acabam por gerar nos indivíduos a violência.

Dimenstein (1990) fala num círculo vicioso onde as crianças que vivem e aceitam a agressão e a rejeição como integrantes naturais do seu cotidiano reagem evidentemente com violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças e os adolescentes em situação de rua, possuem uma vida fundamentada nas exigências da cultura da rua, onde seu corpo é um veículo, um instrumento

do seu cotidiano, sendo utilizado para a busca da sobrevivência, como meio de agressão, proteção, descoberta ou diversão, vivendo de acordo com as possibilidades deste espaço. Brincar, trabalhar, agredir/proteger fazem parte de suas experiências diárias.

A representação corporal das crianças e dos adolescentes em situação de rua, é orientada por valores como a ludicidade, o trabalho e a agressividade, que se apresentam com frequência em sua linguagem corporal. Esses três valores acontecem na vida das crianças e adolescentes que frequentam o projeto Escola Aberta, como aquelas que passam a maior parte do dia na rua..

A ludicidade é vivenciada a partir do seu próprio corpo ou aproveitando os próprios objetos e materiais da rua, quando atribuem significados e dão vida a tampinhas de garrafas, latas, tocos de cigarro, bancos, árvores e demais objetos encontrados.

O lúdico acontece em qualquer momento, seja na rua ou na Escola, porém o trabalho impõe limites ao lúdico, pois o trabalho é um dos principais motivos que levam as crianças para as ruas, tornando-as uma figura importante no meio familiar ao contribuírem com o sustento dos outros membros, ou então, responsáveis pela própria sobrevivência.

Cuidar dos carros durante a noite, foi a principal atividade desenvolvida pelas crianças e pelos adolescentes em situação de rua, para conseguir algum dinheiro. Com esse horário, tanto as crianças que vão à Escola, quanto as outras, têm a possibilidade de trabalhar.

A agressividade foi o terceiro valor orientador da representação corporal, pois muitas vezes vivida já no contexto familiar, ela reincide no contexto da rua e manifesta-se também no escolar, é internalizada como um dos valores fundamentais para a sobrevivência no mundo da rua. As ações agressivas servem como um mecanismo de defesa em diversas situações, pois o diálogo não é usado para solucionar problemas

Enfim, os valores observados na representação corporal das crianças e dos adolescentes em situação de rua, estão presentes neste espaço, determinando a sua sobrevivência e permanência, sendo desta forma internalizados.

Contudo, é necessário que novas pesquisas sejam realizadas, pois outros elementos estão integrados na cultura da rua e contribuem na representação corporal destas crianças e adolescentes, estimulando estudos pormenorizados sobre esta realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APTEKAR, L. Crianças de Rua em Países em Desenvolvimento: Uma Revisão de suas Condições. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 9, nº. 1. Porto Alegre: CPG em Psicologia da UFRGS, 1996.

BANDEIRA, D.; KOLLER, S.; HUTZ, C.; FORSTER, L. **O Cotidiano de Meninos de Rua de Porto Alegre**: UFRGS, Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos

de Rua, 1994.

BONAMIGO, L. O Trabalho e a Construção da Identidade: Um Estudo Sobre Meninos Trabalhadores de Rua. **Revista de Psicologia: Reflexão e Crítica**. vol 9, nº 1, 1996.

BROUGÈRE, G. **A Criança e o Brinquedo**. São Paulo: Cortez, 1997.

CERVINI, R.; BURGER, F. O Menino Trabalhador no Brasil Urbano dos Anos 80. A. Fausto, R. Cervini (Orgs). **O Trabalho e a Rua: Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano dos Anos 80**. São Paulo: Cortez, 1991.

CRAIDY, C. **O Analfabetismo do Menino de Rua Como Produção Simbólica da Exclusão Social**. Porto Alegre: PPG em Educação, UFRGS, 1996. Tese de Doutorado.

DAOLIO, J. **Da Cultura do Corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DIEGUES, L. **Meninos de Rua: O Discurso do Fracasso ou da Resistência?**. Santa Maria: PPG em Educação, UFSM, 1994. Dissertação de Mestrado.

DIMENSTEIN, G. **A Guerra dos Meninos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Cidadão de Papel**. São Paulo: Ática, 1994.

LEI FEDERAL 8.069/1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Santa Maria: Pallotti, 1996.

FALEIROS, V. Violência e Barbárie: O Extermínio de Crianças e Adolescentes no Brasil. I. Rizzini (ORG). **A Criança no Brasil Hoje : Desafio para o Terceiro Milênio**. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993.

FARIAS, V. A Montanha e a Pedra: Os Limites da Política Social Brasileira e os Problemas de Infância e Juventude. A. Fausto, R. Cervini (Orgs). **O Trabalho e a Rua: Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano dos Anos 80**. São Paulo: Cortez, 1991.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 7^a

- ed., 1996.
- GOMES, M. **Corpo e Adolescência: No Cru é que estão as Proteínas**. Rio de Janeiro: UGF, 1994. Dissertação de Mestrado.
- GONÇALVES, M. A. **Sentir, Pensar e Agir. Corporeidade e Educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- GRACIANI, M. S. **Pedagogia Social de Rua: Análise e Sistematização de uma Experiência Vivida**. São Paulo: FEUSP, 1995. Tese de Doutorado.
- KOLLER, S., REPPOLD, C.; SANTOS, C.; et al. **Brinquedo, Brincadeira e Crianças em Situação de Rua - Um Estudo em Porto Alegre**. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, 1996.
- KOLLER, S.; HUTZ, C. Meninos e Meninas em Situação de Rua: Dinâmica, Diversidade e Definição. In: **Aplicações da Psicologia na Melhoria da Qualidade de Vida**, vol. 1, nº 12, Porto Alegre: ANPEPP, 1996.
- KUHN, R. **Análise Interpretativa do Mundo de Vida da Criança de Rua**. Ijuí: Unijuí, 1996.
- LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LIMA, L.; VENÂNCIO, R. Abandono de Crianças Negras no Rio de Janeiro. M. Priore (Org.) **A História da Criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1995.
- MATTOSO, K. O Filho da Escrava. M. Priore (Org.) **A História da Criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1995.
- MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. vol. I/II, São Paulo: EPU, 1974.
- PILOTTI, F.; RIZZINI, I. A (Des)Integração na América Latina e seus Reflexos Sobre a Infância. I. Rizzini (Org.) **A Criança no Brasil Hoje: Desafio para o Terceiro Milênio**. Rio de Janeiro: ED. Universitária Santa Úrsula, 1993.
- RODRIGUES, J.C. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1983.
- SANTIN, S. **Educação Física: uma Abordagem Filosófica da Corporeidade**. Ijuí:

UNIJUÍ, 1987.

SANTOS, C.; VOGEL, .A **Quando a Rua Vira Casa. A Apropriação de Espaços de Uso Coletivo em um Centro de Bairro.** São Paulo: IBAM/FINEP, 1981.

SILVA, H.; MILITO, C. **Vozes do Meio-fio.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.